

LITERATURA DE VIAGEM: AS IMPRESSÕES DE HANS STADEN SOBRE AS VIAGENS À TERRA DO BRASIL NO SÉCULO XVI

Albate Yurna¹, Izabel Cristina dos Santos Teixeira²

Resumo: Na literatura de viagem, houve contacto entre europeus com índios, o qual havia choque de cultura em que, nessa aproximação dos ambos, os europeus mostravam grau de superioridade aos povos indígenas, categorizando-lhes com “selvagem”. O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra “Viagem ao Brasil” do viajante alemão Hans Staden (2008), do percurso e experiências do viajante no meio dos povos por ele encontrados nessa terra. A metodologia usada baseia-se em pesquisa bibliográfica, através da leitura de registros de documentos históricos, assim como outras leituras das obras *As desventuras de um renascentista entre os Tupinambás: a visão do viajante Hans Staden sobre as terras e os povos do Brasil*, de Rafael Pereira da Silva (2012); *Os “selvagens” do Novo Mundo: o Estranhamento nos relatos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden*, de Celso Fernando Claro de Oliveir e Francielly Rocha Dossin (2013), e *Aprender sobre as culturas indígenas na época colonial: a gênese do livro de viagem de Hans Staden (historia, 1557) no cruzamento de discursos alheios*, Franz Obermeier (2011). De maneira crítica, percebe-se que as impressões de Hans Staden sobre as viagens às terras do Brasil, no século XVI, remetem-se às aventuras de uma idealização do chamado “novo mundo”, sociedade por onde os índios se encontram; a convivência estabelecida entre esse viajante europeu e os índios ocasionou um conflito cultural, gerando certa impressão estereotipada nesse viajante.

Palavras-chave: Hans Staden. Impressões. Aventura. Conflito cultural.

INTRODUÇÃO

As aventuras dos viajantes do século XVI à terra do Brasil ocasiona contacto entre europeus com índios, o qual havia choque de cultura em que, nessa aproximação dos ambos, os europeus mostravam grau de superioridade aos povos indígenas, chamando-lhes de “selvagem”, “sem cultura”, “sem religião”. Os Índios, segundo Da Silva (2012), praticam como um ritual, neles entendidos, de assimilação das forças e da coragem da vítima, sacrifício e satisfação do banquete, geralmente um prisioneiro capturado entre grupos rivais, ou seja, durante combates (guerras). Nesse período, o viajante Hans Staden realiza duas viagens à terra do Brasil: a primeira, em 1548, em Pernambuco; e a segunda, em 1549, na Capitania de São Vicente. Ele teria sido contratado como artilheiro pelos colonos portugueses para defender o

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, graduando do curso de Letras-Língua Portuguesa, e-mail: yurna@outlook.com.br

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, professora adjunto IV, orientadora, e-mail: izabel.cristina@unilab.edu.br



Forte de São Filipe da Bertioga dos índios tupinambás. Era mercenário. Na luta contra indígenas, é capturado e passa nove meses sequestrado por indígenas. Segundo De Oliveira et Dossin (2013) a motivação que os Tupinambás têm para a prática do canibalismo é principalmente o “ódio e vingança”. Para refletir criticamente sobre a interpretação desse imaginário do chamado “novo mundo” pelos viajantes na época, toma-se por base a obra “Viagem ao Brasil”, de Hans Staden, documento de fonte histórico que traz muitas ideias, discursos e preconceitos de um pensamento social específico.

METODOLOGIA

Para reformar os relatos de viagens de cronistas europeus, construídas através de suas curiosidades, experiências e impressões de viagens realizadas em terras de “descobrimento”, primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da literatura de viagens. A obra “Viagem ao Brasil”, do viajante alemão Hans Staden (2008), é essencial para o começo das reflexões críticas acerca dessa temática. Além disso, fazem-se discussões teóricas através de fichamentos e leituras críticas dos textos de Rafael Pereira da Silva *As desventuras de um renascentista entre os Tupinambás: a visão do viajante Hans Staden sobre as terras e os povos do Brasil* (2012); Celso Fernando Claro de Oliveira (UFSC), Francielly Rocha Dossin (UFSC) em *Os “selvagens” do Novo Mundo: o Estranhamento nos relatos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden* (2013) e, de Franz Obermeier, *Aprender sobre as culturas indígenas na época colonial: a gênese do livro de viagem de Hans Staden (historia, 1557) no cruzamento de discursos alheios* (2011). E, finalmente, foram apresentados os resultados dessas discussões e leituras através da construção de um artigo científico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer das pesquisas, as atividades de análise desenvolvidas estão voltadas às teorias citadas citadas, o que propicia a propagação da literatura de viagens, inclusive, à terra do Brasil. Dentre as discussões, Da Silva (2012) mostra que as ciências em desenvolvimento, no imaginário denominado do “velho mundo”, buscam encontrar respostas que *permeias* por várias interpretações *bíblico-teológicas* proposta pela igreja católica, por *crendices*, e por



mesmo relatos e falas dos viajantes. As informações contidas nos relatos dos viajantes despertam curiosidade, medo e mesmo ajudam a espetar a imaginação nesse “Velho Mundo”. Percebe-se que a curiosidade dos viajantes, inclusive Hans Staden, não parte do nada, embora o autor não explicita no relato da obra “Viagem ao Brasil” o interesse, ou seja, principal objetivo das viagens.

Segundo De Oliveira et Dossin (2013), os europeus dedicam partes de seus relatos para descrever tais elementos que mais chamam a atenção: o corpo, os hábitos, as vestimentas e a religiosidades dos indígenas. “Essas observações são permeadas não apenas pelo sentimento de perturbação, mas também pelo fascínio e pela curiosidade com aquilo que é *estranho*”, (p. 01). Os relatos objetivam descrever todos estranhamentos por eles encontrados nesse solo chamado “Novo Mundo”.

Por outro lado, Obermeier (2011) constata que os discursos dos viajante da época sobre o Brasil são focalizados na descrição cultural alheias em crenças secundarias, ou seja, discurso com ênfase em caráter alheios dos indígenas, nunca observa, em potência e flexível pensamento dos índios, que adaptam os europeus como *personagens de seus mitos*.

Com efeito, estes autores nos possibilitam a entender a visão do viajante e impressões por meio das interpretações por ele bem entendido. Percebeu-se que, a diferença cultural é apenas diferença, mas por ele, nessa época, a prática cultural dos índios deveria converter-se a uma nova, isto é, só por intermédio dele, os índios deveriam adotar uma característica social civilizada. Daí a ideia de que o objetivo de Staden não era apenas para conhecer o imaginário do chamado “novo mundo”, porém, expressão cultural, por meio da crença.

Portanto, na base dessas análises, tenta-se concretizar as discussões e textos analisados através da estruturação de um artigo científico, que possa contribuir em propagação da literatura de viagem, possibilitando-nos a conhecer hoje criticamente algo sobre os povos que aqui viviam, com os conflitos culturais entre esses dois povos (europeus e indígenas).

CONCLUSÕES



Conclui-se que os relatos de Hans Staden objetivam-se descrever todos estranhamentos por ele encontrado nesse solo chamado “novo mundo. Com os seus discursos da época sobre o Brasil são focalizados na descrição cultural, alheias em crenças secundarias, ou seja, discurso com ênfase em caráter alheios dos indígenas, nunca se observa em a potência e flexível pensamento dos índios, que adaptam os europeus, como sendo personagens de seus mitos. As informações contidas nos relatos do viajante servem para despertar a curiosidade, medo e ajudar, por outro lado, despertar a imaginação desse novo mundo/paraíso pelos fiéis católicos da época.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força e capacidade de desenvolver este trabalho. À minha mãe, Danganá Sanhá, que sempre acreditou em mim e me incentiva com suas boas palavras, mesmo com esta distância. À minha incansável orientadora, Izabel Cristina dos Santos Teixeira, que sempre se disponibilizou para me orientar. Ao PIBID por ter me dado oportunidade de articular as teorias que aprendi em sala de e de vivenciar a realidade de salas de aula de ensino médio; aos meus excelentíssimos coordenadores (Carlos Eduardo Bezerra e Luana Antunes Costa).

REFERÊNCIAS

DA SILVA, Rafael Pereira. **As desventuras de um renascentista entre os Tupinambás: a visão do viajante Hans Staden sobre as terras e os povos do Brasil**. Revista Trilhas da História, v. 2, n. 3, p. 158-171, 2012.

DE OLIVEIRA, Celso Fernando Claro; DOSSIN, Francielly Rocha. **Os “selvagens” do Novo Mundo: o Estranhamento nos relatos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden**. VI Congresso Internacional de História, 2013.

LOBATO, Monteiro. **As Aventuras de Hans Staden**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.



OBERMEIER, Franz. **Aprender sobre as culturas indígenas na época colonial: a gênese do livro de viagem de Hans Staden (Historia, 1557) no cruzamento de discursos alheios.** Anuário de Literatura, v. 16, n. 1, p. 132, 2011.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil.** São Paulo: Martin Claret, 2008.